



Vida interrompida

O que lê – e sente – o olhar de quem está internado? Viajámos de maca pelos corredores e serviços do Hospital Santa Maria em busca da resposta

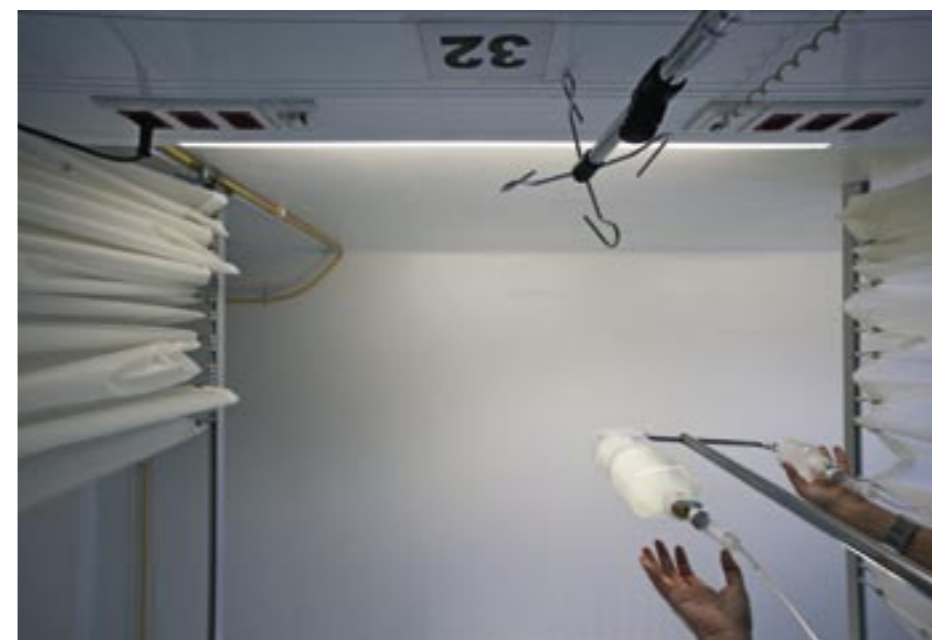
POR ISABEL NERY
E MARCOS BORGIA FOTOS

Primero, parece um grito de socorro, mas logo diminui de intensidade até se esvair num fio de gemido. Sabemos quando vai acabar e recomeçar. «Ai, ai, ai... Quem me acode!? Ai, ai, ai... » Viro a cabeça em busca do autor do grito. Mas o movimento é insuficiente. Estou numa cama articulada – mais articulada do que eu, proibida pelos médicos de experimentar a posição que deu glória ao *Homo sapiens*.

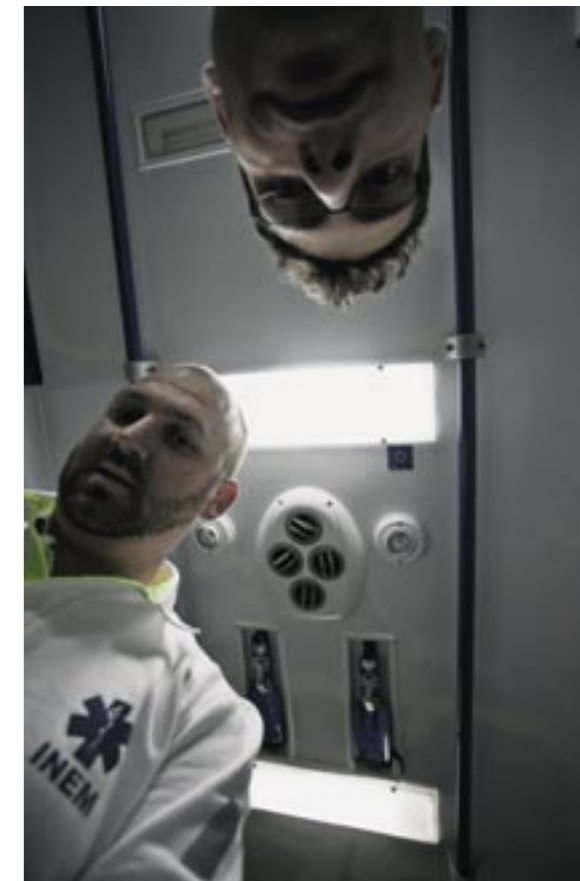
À falta de visão para completar o quadro, terei de me contentar com o que ouço. «Então, senhor António, não está bem de maneira nenhuma!» Estico a cabeça para trás, ao encontro da voz de ralhete. O que a minha vista alcança é o mundo de pernas para o ar. As figuras humanas ficam agigantadas. Vistas de

baixo para cima, todas as caras parecem disformes. Ameaçadoras. Os corredores são infinitos, as luzes demasiado fortes. Podia ser uma visão metafórica, mas não é. E isso só torna tudo mais difícil.

Embora de pernas para o ar, consigo distinguir a jovem estagiária que se impacienta com os gemidos do senhor António. Bate com a esferográfica, oferecida por um qualquer laboratório farmacêutico, na prancha dos apontamentos. Mexe nas folhas de forma quase teatral, como se tivesse respostas para lhe oferecer. Precisa de dar tempo à vida para ficar a saber que a chave do sofrimento alheio não se encontra em papéis. Os dois colegas que a acompanham são ainda estudantes de Medicina. Um deles olha, com estupefação, para o autor dos gemidos, outro



MÁSCARA, CAOS E SILÊNCIO
É a primeira sensação e uma espécie de passaporte para uma nova realidade: o momento em que nos colocam a máscara de oxigénio e, na maca, entramos num mundo de caos e de silêncios, onde o medo se confunde com a esperança



FRIO HORIZONTE

Na maca, só conseguimos olhar para cima. E entregamo-nos a quem nos quer salvar, mas que nem um olhar partilha. Observamos, mas, acima de tudo, somos observados

🔴 O que custa é sentirmo-nos completamente expostos, sem nada de nosso'

► mantém uma distância sanitária, como se maior aproximação pudesse fazê-lo mudar de ideias, talvez mesmo de profissão. Uma médica mais experiente parece ler-me os pensamentos: «Quando estamos desse lado, tudo muda. Fui operada cinco vezes. Percebi que falamos pouco com os doentes. Devíamos explicar mais para não ficarem ansiosos.»

Não chego a ter tempo para concordar. «Ponha os bracinhos para dentro! Não queremos acidentes», avisa um auxiliar de ação médica, ou assistente operacional, como dita agora a designação oficial. A maca começa a mover-se e sou informada de que estou a ser levada à sala de Raio X, por onde passa a grande maioria dos 550 doentes que entram diariamente na ur-

gência do Hospital de Santa Maria.

O mundo é diferente, quando o fitamos de baixo para cima. Perdem-se os pontos de referência. Vê-se o que nunca se viu. Já terei passado por ali, mas nunca adivinharia se não me dissessem. O corredor é estreito, cheio de desconhecidos que não quero encarar. As poucas vezes que me atrevi, li-lhes pena e má fortuna no olhar.

Opto pela perspectiva lateral. Há um verdadeiro engarrafamento de macas. Ao meu lado, vejo um homem de meia-idade que apoia a cabeça nas duas mãos entrelaçadas, com os braços puxados atrás. Parece uma posição descontraída. Foco-me nele. Queria cruzar-me com um olhar que me dissesse: «Vai correr tudo bem! Lá por estar aqui não pense

que o futuro acaba mais cedo!»

Entre observar ou ser observada prefiro sempre a primeira hipótese. Normalmente, é um defeito profissional. Aqui, posso chamar-lhe instinto de sobrevivência. No elevador, deixam-me sem escolha. Não há fuga. Nem do olhar. Estou deitada numa maca, ocupo todo o espaço central do cubículo metalizado, rodeada de gente. Uma ►



LUZES Quem desenha hospitais nunca esteve deitado num. É uma certeza de experiência feita. Nunca deixa de haver luzes por cima das nossas cabeças. Ferem os olhos, invalidam o descanso

► maca em movimento não se compadece com indiferenças alheias. Visitas, doentes em ambulatório, profissionais de saúde, todos querem ver o «sinistrado».

Passamos pela sala de espólio, onde se arquivam todos os pertences. Dizem-me que o mais penoso de uma hospitalização é a separação da prótese dentária, embora haja muitos que argumentam ferozmente contra a separação dos óculos ou da aliança. Recordo-me das palavras de um especialista brasileiro que assegura o banco noturno: «Também já estive desse lado. Parece que deixamos de ser gente. Ficamos todos nus, não somos ninguém.» Só percebo exatamente o que me queria dizer quando começam a ensacar a minha vida em embalagens transparentes. Sapatos, roupa, relógio, brincos, aliança. Não dói, mas tenho vontade de chorar. «O que custa não é verem-nos a celulite, é sentirmo-nos completamente expostos, sem nada de nosso», resume a médica com experiência de doente.

Estou outra vez em trânsito. Estacionamos no SO, em observação perma-



nente. Aguarda-me destino idêntico aos dos 10% de utentes que entram na urgência do Hospital de Santa Maria – o internamento, com duração média de oito dias. No serviço de Medicina são 60% os doentes impedidos de sair da cama; no SO a taxa atinge cem por cento.

No Centro Hospitalar Lisboa Norte, que integra o Santa Maria e o Pulido Valente, são internadas cerca de 49 mil pessoas todos os anos. Entregam o futuro nas mãos de desconhecidos, sem garantia de devolu-

ção. Algumas vêm para ficar. Em 1981, 77% dos doentes com mais de 80 anos faleciam em casa. Hoje essa taxa baixou para 33 por cento. Não morrer em casa significa morrer longe. Do caráter, das memórias, dos afetos. Recuso-me a ir assim. É a última decisão que me lembro de tomar. ▣

Nota: Os autores desta reportagem passaram, nos últimos dois anos, por situações de internamento hospitalar, que lhes motivaram o presente trabalho e a exposição que hoje inauguram na Casa de Santa Maria, em Cascais, até 12 de Maio.